



PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO  
ARQUITETÔNICO DA  
INDUSTRIALIZAÇÃO:  
PROBLEMAS TEÓRICOS DE RESTAURO

KÜHL, BEATRIZ MUGAYAR. COTIA, SP: ATELIÊ  
EDITORIAL, 2008, 328P.

ISBN: 978-85-7480-419-4

---

Eneida de Almeida

PATRIMÔNIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO: POR UM DIÁLOGO ENTRE A  
TEORIA E AS PRÁTICAS DE PRESERVAÇÃO

pós- 273

O volume *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: Problemas teóricos de restauro* reúne um panorama completo dos estudos sobre o tema do patrimônio industrial, inseridos em uma ampla e atualizada visão do campo disciplinar do restauro.

A investigação faz referência às discussões do século 19, à origem da *arqueologia industrial* na Inglaterra (nos anos 50), às questões mais gerais referentes à preservação como “ato de cultura” e à tutela do patrimônio arquitetônico estritamente ligado à industrialização, para se deter, a seguir, nos casos de intervenções recentes em edifícios notáveis do território paulista. Ao afirmar uma conduta rigorosa, mas nem por isso inflexível de proteção generalizada, a autora se reporta ao debate internacional, às Cartas Patrimoniais, aos conceitos empregados na atualidade, apresentados segundo uma visão epistemológica que considera o aporte de outras disciplinas como a estética e história da arte, a sociologia, a antropologia, entre outras. A ampla síntese crítica não declina tampouco o enfrentamento das reflexões sobre a relação “antigo-novo” nas intervenções em edifícios de interesse para a preservação.

No prefácio, Giovanni Carbonara, arquiteto, diretor da Scuola di Specializzazione in Restauro dei Monumenti dell’Università di Roma “La Sapienza”, autoridade de grande prestígio no cenário europeu, autor de inúmeras publicações sobre a matéria, destaca a qualidade essencial da publicação: “A análise dos estudos sobre o tema, conduzida de maneira abrangente, seja no que respeita às contribuições originais e cientificamente fundamentadas, seja no que concerne aos escritos de simples conteúdo de divulgação, permitiu que a autora construísse um quadro geral sobre o estado da questão, e dos trabalhos a ela relativos, até agora não disponível.”

A autora, Beatriz Mugayar Kühl, arquiteta, docente e pesquisadora, ocupa, hoje, no Brasil, um importante lugar na área da preservação e do restauro de bens arquitetônicos. Sua participação, desde a publicação do livro *Arquitetura do*

*ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo. Reflexões sobre a sua preservação*, em 1998, obra que teve origem em sua tese de doutoramento, passando pela tradução de textos fundamentais, situados no contexto histórico-cultural em que foram produzidos e revistos criticamente a partir das reflexões atuais – entre os quais se destacam: *Restauração*, de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (2000), *Os restauradores*, de Camillo Boito (2002), além da obra basilar, e ainda atual, *Teoria da restauração*, de Cesare Brandi (2004) –, contribuí, de modo inigualável, não apenas para a difusão dos conceitos acumulados nesses últimos dois séculos, mas, principalmente, para distanciar as discussões do terreno do diletantismo, e afrontar, de modo consciente e criterioso, uma abordagem científica.

O tema da preservação no Brasil, como destaca a autora, ganha expressão efetiva nos anos 30, com a criação do SPHAN, mas apenas recentemente tende a revestir-se de uma postura mais consistente, solidária com os debates internacionais e com as teorias consolidadas nesse campo de estudo específico. Não obstante tenha, em sua origem, uma conotação cultural, associada à afirmação da identidade nacional, a investigação nessa área ressurte-se, ainda hoje, de um enfoque mais rigoroso das questões de princípio e método aplicadas aos casos específicos de intervenção. Como destaca Beatriz Mugayar Kühl: “*Houve respeitável esforço do SPHAN para formar e divulgar o conhecimento sobre a arte brasileira. O inventário e os estudos históricos eram essenciais para que o trabalho pudesse consolidar-se, isso pode ser constatado na importância dada pela instituição à Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (...). É relevante notar, no entanto, que nenhum dos artigos se refere às obras de restauração que eram executadas pelo próprio Serviço.*”

Um dos principais objetivos dessa publicação consiste, justamente, em preencher uma significativa lacuna que persiste nesse campo de estudo, ou seja, a ausência de uma sólida orientação teórica que apresente concretos desdobramentos nas práticas de preservação. Malgrado se observe, nas últimas décadas, um acúmulo significativo de pesquisas, muitas delas resultantes em trabalhos de grande interesse, ainda é comum observar uma abordagem empírica, desvinculada de um necessário preparo histórico-crítico ao afrontar a análise das intervenções realizadas.

Nesse sentido, a autora alcança um duplo intento: produz um minucioso trabalho de pesquisa essencialmente generoso e preciso na indicação dos caminhos trilhados durante a condução dos estudos, na menção às fontes de consulta, por um aprofundado aparato de notas que enriquece a publicação e possibilita recorrer a outros estudos de natureza mais restrita; por outro lado, enfrenta, de modo corajoso e independente, a polêmica em relação a uma práxis destituída de bases sólidas e, por isso, atua com a desenvoltura de quem despreza a bagagem conceitual consolidada na área específica, implicando resultados danosos diante das exigências de preservação dos bens culturais.

O caso particular do patrimônio industrial envolve alguns aspectos que tendem a tornar a discussão ainda mais complexa. Esses conjuntos de interesse arquitetônico e documental, em geral, ocupam extensos lotes urbanos, situados, em sua grande maioria, nas zonas centrais da cidade, o que contribui para que se confundam as prioridades: as questões práticas (como aquelas referentes à transformação de usos desses edifícios) ou as questões econômicas (ditadas pelas pressões do mercado imobiliário) acabam por se sobrepor às motivações

profundas de ordem cultural que legitimam a ação de preservação, traduzidas no respeito pelo trabalho humano impregnado nas vivas presenças da arquitetura do passado.

A obra traz uma significativa contribuição tanto para a formação de pesquisadores como para a revisão de uma prática corrente na atuação profissional, tornando-se uma leitura necessária para todos aqueles interessados na apreciação dos bens culturais, quer pela exposição de conceitos e motivos, quer pela indicação de precisas estratégias que asseguram sua preservação.

---

**Eneida de Almeida**

Arquiteta pela FAUUSP (1981), mestre em preservação de bens culturais pela Universidade “La Sapienza” de Roma (1987), doutoranda pela FAUUSP (2006), professora da Universidade São Judas Tadeu, coordena as atividades do Escritório Modelo do curso de Arquitetura e Urbanismo.